

Capítulo I Que é amor?

Amor é uma paixão natural que nasce da visão¹ da beleza do outro sexo e da lembrança obsedante dessa beleza. Passamos a desejar, acima de tudo,

1. Essa definição "física" do amor e de seu nascimento não é nada original. André mostra aqui que é leitor atento de Ovídio. Mas, como observa F. Schliösser (*op. cit.*, p. 100), a literatura teológica, com sua descrição dos diferentes graus de sedução segundo a hierarquia agostiniana (*suggestio, delectatio, consensus*) e a ênfase no papel nocivo da visão, podia inspirar André Capelão na definição do processo do amor (*visio, cogitatio immoderata, passio*). Essa definição, de uma precisão bem escolástica, será retomada palavra por palavra por Jean de Meun em *Le roman de la rose*:

"Amors, se sui bien apensee,
c'est maladie de pensee
entre. Il, persones annexe,
franches entr'els, de divers sexe,
venanz a genz par ardeur nee
de vision desordenee,
pour acoler et pour besier
pour els charnelment asier.
Amant autre chose n'entant,
ainz s'art et se deslize en tant,
De fruit avoier ne fet il force,

estar nos braços do outro e a desejar que, nesse contato, sejam respeitados por vontade comum todos os mandamentos do amor.

Fácil é ver que o amor é uma paixão. Isto porque angústia nenhuma é maior que a provocada

au delter sanz plus s'esforce."
(vv. 4347-58, ed. F. Lecoy e nota p. 281)

[Amor, se bem pensado, é doença do pensar entre duas pessoas ligadas, sinceras e de sexo diferente, que nos acomete como ansio, nascido da visão perturbada, por abraçar, beijar e pelo fruir carnal. Amante nada mais é que aquele que arde e em tal se delecta. Frutos não busca alcançar; e em delectar-se e nada mais se esforça.]

E. Langlois (*Origines et sources du Roman de la rose*, p. 153, 2ª parte) faz paralelos úteis com os diferentes elementos dos capítulos iniciais de nosso *Tratado*: o capítulo II esclarecerá que o amor só poderia existir entre pessoas de sexo oposto, e que todos os esforços de um amante só tendem ao delecte nos abraços da amada.

Mais adiante, André chegará às últimas consequências de sua primeira definição: o cego não pode amar, pois não enxerga! O papel preponderante da visão no nascimento do amor é muitas vezes ressaltado na *Idade Média*, mesmo através de provérbios latinos e vulgares. Assim:

"Oculi amorem incipiunt, consuendo perficit."

[Os olhos dão início ao amor; o costume o completa (in *Publii syri minimi sententiae*, 0, 15; *apud* H. Walther, *op. cit.*, nº 19710)]. É interessante também lembrar o verso de Propércio (II, 15, 12):

"Oculi sunt in amore duces."

[Em amor quem conduz são os olhos (in H. Walther, *op. cit.*, nºs 28704, 30736 e 19711).]

No século XIII, Jakes d'Amiens, que em suma só faz imitar o *Tratado* de André Capelão, exprime a idéia de forma gnômica:

"La sont li oel, ce est amors" (II, 193)

[Onde estão os olhos está o amor], e Morawski menciona o provérbio, também do século XIII:

"La ou est l'amour, si est l'oeil."

[Onde está o amor estão os olhos], S. Singer (*Sprichwörter des Mittelalters* t. I, p. 58) assinala algumas referências sobre o assunto.

por ele, pois o enamorado está sempre no temor de que sua paixão não atinja o resultado desejado e de que seus esforços sejam baldados. Teme também o falatório da multidão e tudo o que, de uma maneira ou de outra, possa prejudicar seu amor, pois é bem freqüente que uma perturbação mínima impeça de levar a bom termo o que se ia consumir. Se o enamorado é pobre, teme que a amada vilipendie sua penúria; se é feio, teme que ela despreze seu físico ingrato ou que procure o amor de alguém mais belo; se é rico, teme que sua passada parcimônia acabe por reverter em prejuízo; e, para dizer a verdade, não há ninguém que possa contar em minúcias os temores do enamorado?. Essa espécie de amor é, pois, uma paixão não recíproca que se pode chamar de "amor singular".

Mas, uma vez correspondido o amor, as angústias que surgem não são menores; porque cada um dos dois amantes teme perder, pela ação de um terceiro, aquilo que conquistou com tanto esforço; situação bem mais penosa para todo homem é ver seus esforços baldados, contrariando-lhe as esperanças: suportamos bem menos a perda de coisas que acreditávamos obter do que a privação de um

2. Ovídio. *A arte de amar*. II, 517 ss.

"Quot iuvat, exiguum, plus est, quod laedat amantes,
Proponant animo multa ferenda suo.

Quot lepores in Atho, quot apes pascuntur in Hybla,
Caesula quot bacas Palladis arbor habet,

Litorc quot conchae, tot sunt in amore dolores."

[Alegram-se pouco e sofrem muito os amantes; devem eles parar a alma para muitas provações. As lebres que no monte Atos e as abelhas que no monte Híbla se alimentam, as bagas da sombrosa árvore de Pálas e as conchas da praia não são tão numerosas quanto os tormentos do amor. (Trad. H. Bornecque.)]

ganho que apenas esperaríamos³. O amante também tem medo de ofender a amada de uma maneira ou de outra, e seus temores são tão numerosos que é bem difícil relacioná-los! Pois essa paixão é inata, e te mostrarei com clareza, se estiveres buscando escrupulosamente a verdade, por que ela não nasce de ação alguma, mas apenas da reflexão do espírito sobre aquilo que vê. Isto porque, quando vê que uma mulher é digna de ser amada e convém a seu gosto, o homem logo começa a desejá-la em sua razão; depois, quanto mais pensa nela, mais se abrange de amor por ela, até que seu pensamento seja todo invadido por esse amor. Logo começa ele a imaginar o modo como ela é feita, a delinear seus membros, a conjecturar suas ocupações; procura penetrar os segredos de seu corpo e deseja possuir cada uma de suas partes sem exceção⁴.

Quando esses pensamentos chegam a tomar conta dele por inteiro, já não há como frear o amor, e ele passa de pronto à ação; o enamorado procura obter um apoio, descobrir um mensageiro. Começa a cismar modos de vir a estar nas boas graças de quem ama, busca lugar e momento propícios à conversação, e um breve instante é para ele um ano

3. A formulação leva a pensar que se trate de um provérbio.

4. Essa descrição das obsessões do amor não deixa de lembrar a paixão de Terreu pela cunhada Filomela em *Metamorfoses* (Livro VI, vv. 490-94):

"At rex Odrysius, quamvis recessit, in illa
Aestuat et, repetens faciem motusque manusque,
Qualia vult, Ingit quae nondum vidit et ignes
Ipse suos nutrit cura removens soporem."

[Mas o rei dos ódrissas (Terreu), embora separado de Filomela, ansia por ela e, lembrando seus traços, seu andar, suas mãos, imagina como quer os encantos que ainda não viu, alimenta seu próprio fogo, e esses cuidados não o deixam dormir.]

interminável, pois nada é feito com suficiente presença para seu espírito impaciente; e muitas coisas, como se sabe, assim se passam com ele. Essa paixão é inata procede, pois, da visão e da reflexão. E não é qualquer reflexão suficiente para engendrar o amor: cumpre que seja descomedida, pois se moderada geralmente não obceca o espírito e não pode dar origem a essa paixão.

Capítulo II

Pessoas entre as quais o amor é possível

Neste momento é preciso deixar bem claro que o amor só pode existir entre pessoas do sexo oposto. Não pode surgir entre dois homens ou duas mulheres: duas pessoas do mesmo sexo não são absolutamente feitas para se propiciarem mutuamente os prazeres do amor ou para realizar os atos naturais que lhe são próprios. E o amor envergonha-se de aceitar o que a natureza veda.

Todos os esforços de um amante só têm um objetivo, e para ele se voltam todos os seus pensamentos: estreitar o corpo daquela que ama, pois ele espera poder realizar com a bem-amada todos os mandamentos do amor, ou seja, aqueles que se encontram nos tratados sobre o assunto. Para aquele que ama, portanto, nada pode ser comparado ao ato de amor, e o verdadeiro amante preferiria ser despojado de todas as suas riquezas ou ser privado de tudo o que o espírito humano considera indispensável à vida a ser frustrado no amor que espera ou de que goza. Pois haverá algum outro bem sob o céu pelo qual um homem queira enfrentar tantos perigos quanto aqueles a que vemos sempre os amantes se expor de livre vontade? Nós os vemos